



Aponte a câmera do celular para o QR Code e assista a um vídeo sobre a encíclica do papa Leão XIV

Editora: Ana Paula Macedo
anapaula.df@dabr.com.br
3214-1195 • 3214-1172



VATICANO

Do alerta sobre a IA ao perdão pela escravidão

Primeira encíclica do papa Leão XIV, a *Magnifica humanitas* alerta para o risco de a inteligência artificial levar à desumanização e reforçar desigualdades. Documento admite culpa da Igreja Católica em não condenar o trabalho escravo

» RODRIGO CRAVEIRO

No 382º dia de pontificado, o papa Leão XIV lançou, ontem, a sua primeira encíclica e escolheu um tema do presente e do futuro: a inteligência artificial (IA). Intitulado *Magnifica humanitas* (“Magnífica humanidade”, em latim), o documento propõe a salvaguarda da pessoa humana na era da IA e adverte sobre o risco de a nova tecnologia contribuir para a desumanização e o reforço do poder de quem controla recursos econômicos, além do agravamento das desigualdades.

Ao mesmo tempo, Leão XIV fez um raro mea-culpa da Igreja Católica em relação à escravidão e pediu perdão. “Não podemos negar ou minimizar o atraso com que a Igreja e a sociedade condenaram o flagelo da escravatura”, escreveu o líder católico. “É impossível não sentir profunda dor, ao considerar o enorme sofrimento e humilhação que a escravatura significou para tantas pessoas, em contraste com a sua limitada dignidade, amada infinitamente pelo Senhor. Assim sendo, em nome da Igreja, peço sinceramente perdão.”

Com 130 páginas, *Magnifica humanitas* foi divulgada no 135º aniversário da *Rerum novarum*, a encíclica escrita por Leão XIII que serviu de inspiração para o sucessor e abordou a condição dos operários. “Na era da inteligência artificial, em que a dignidade humana corre o risco de ser ofuscada por novas formas de desumanização, temos o dever urgente de permanecer profundamente humanos, salvaguardando com amor essa magnífica humanidade, que nos foi plenamente dada e manifestada em Cristo, e que jamais alguma máquina poderá substituir no seu esplendor”, afirma Leão XIV no documento. “Não podemos considerar a IA moralmente neutra.”

O chefe da Igreja Católica defende o desarmamento da inteligência artificial. “Desarmar a IA

Imprensa do Vaticano/AFP



O papa Leão XIV assina a sua encíclica: documento foi lançado 135 anos depois do documento de Leão XIII

significa subtraí-la à lógica da competição armada, que hoje não é apenas militar, mas também econômica e cognitiva. Trata-se da corrida ao algoritmo mais eficaz e ao banco de dados mais vasto, com o objetivo de consolidar uma vantagem geopolítica ou comercial sobre todos os outros”, observa. Leão XIV convidou especialistas em IA, incluindo Christopher Olah, cofundador da empresa Anthropic, para a apresentação do documento à imprensa, na Cidade do Vaticano.

Visão anti-humana

De acordo com a encíclica do papa norte-americano, os programadores (de IA) assumem um “particular peso ético e espiritual”.

“Cada escolha feita no projeto expressa uma visão da humanidade”, lembra. Leão XIV adverte que o risco não é apenas o mau uso de tecnologias. Ele adverte que o paradigma tecnocrático em que a humanidade está imersa, potencializado pela revolução digital e pela IA, pode normalizar e fazer parecer justa uma visão anti-humana, segundo a qual a plenitude da vida consistiria em possuir mais.

Doutor em teologia pela Universidade Pontificia Gregoriana (Roma) e professor do Departamento de Teologia da Pontificia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), Paulo Fernando Carneiro de Andrade afirmou ao **Correio** que não considera uma surpresa a abordagem da IA por Leão

XIV. “Na tradição da Igreja, a instituição sempre se colocou sobre temas que, em cada momento da história, despertavam questões que afetavam não só a religião em si e a relação com Deus, mas também a humanidade”, disse. “Desde Leão XIII, com o surgimento da ‘doutrina social da Igreja’, uma série de encíclicas, a partir da *Rerum novarum*, ocupou-se dos temas cadentes daquele momento histórico. Se o papa Francisco toma como grande desafio a crise socioambiental, em continuidade, Leão toma como grande desafio lidar com a IA.”

O teólogo avalia que a *Magnifica humanitas* trata de maneira muito apropriada o tema da IA. “Ela não demoniza o assunto, destaca que a IA pode ser um bem para a

humanidade, mas também coloca todos os seus riscos. Sobretudo quando o desenvolvimento da IA é feito por grandes grupos privados e conglomerados econômicos, podendo levar à maior concentração de poder em detrimento da humanidade”, explicou Andrade.

Ele sublinha que a encíclica destaca a relação entre IA e democracia, os pobres e o futuro da humanidade. “O documento chama a atenção para o fato de que a inteligência artificial não pode ser comparada à inteligência humana. São diferentes. A humana compreende não só a capacidade de organizar dados, mas também a inteligência emocional e afetiva, e a experiência de vida”, conclui o professor da PUC-RJ.

Trechos/ A encíclica *Magnifica humanitas*

“Na era da inteligência artificial, em que a dignidade humana corre o risco de ser ofuscada por novas formas de desumanização, temos o dever urgente de permanecer profundamente humanos.”



“Não podemos limitar-nos a invocar a moralização da máquina, o chamado ‘alinhamento’ da IA com os valores humanos, sem termos a coragem de impor uma condição adicional: a possibilidade de discutir o código ético a ser utilizado. (...) Caso contrário, quem controla a IA imporá a própria visão moral.”

“Para salvaguardar a pessoa humana na era da inteligência artificial, devemos voltar a refletir sobre o bem comum, a destinação universal dos bens, (...) a solidariedade e a justiça social.”

“As inovações tecnológicas — entre elas a inteligência artificial — não são neutras: podem aumentar a participação e a justiça, ou, pelo contrário, agravar desigualdades, controle e exclusão.”

“Tal como acontece com qualquer grande avanço tecnológico, a IA tende a reforçar sobretudo o poder daqueles que já dispõem de recursos econômicos.”

“As mesmas tecnologias que facilitam a comunicação e o acesso aos recursos podem sustentar modelos que exploram os mais fracos, alimentam novas formas de escravatura e transformam o conflito numa oportunidade de lucro.”

COLÔMBIA

Violência em alta na reta final da campanha

A Colômbia entra na reta final da campanha para o primeiro turno da eleição presidencial, no próximo domingo, com duas quase certezas e um punhado de dúvidas. A Colômbia entra na reta final da campanha para o primeiro turno da eleição presidencial, no próximo domingo, com duas quase certezas e um punhado de dúvidas. Uma onda de atentados a bomba de motivação política, somada à disparada da violência cotidiana, com os índices mais elevados em cerca de uma década, acentua a insegurança dos eleitores e acrescenta variáveis a uma equação política de solução incerta.

As últimas pesquisas de intenção de voto confirmam como favorito o senador Iván Cepeda, candidato da esquerda e do presidente Gustavo Petro, seu correligionário no Pacto Histórico — grande vencedor nas legislativas de março. É quase certo, porém, que ele enfrentará em segundo turno, em 21 de junho um adversário da direita. Até aqui, o mais cotado é Abelardo de la Espriella, advogado sem experiência política, mas sua passagem pra o tira-tóica é ameaçada pela senadora Paloma Valencia, ligada

Marvin Recinos/AFP



a uma família poderosa e apadrinhada pelo ex-presidente ultradireitista Álvaro Uribe.

Cepeda, 63 anos, chega à disputa montado sobre números que atestam o sucesso do primeiro governo de esquerda em dois séculos de história independente com sua agenda social. No mandato de Petro, ex-guerrilheiro que se reintegrou à vida civil em 1991, o salário mínimo nominal aumentou 75% e o desemprego caiu,

impulsionado em parte pela contratação estatal. Cepeda, 63 anos, é filho do também ex-senador Jaime Cepeda, político do Partido Comunista, assassinado em 1994 por esquadrões da morte paramilitares.

“Dou meu voto a eles porque minha vida mudou com este governo: pude ir para a universidade de forma gratuita, e foi um peso a menos para minha família”, disse à agência de notícias France-Press

Na Bolívia, presidente vai reduzir salário

Acosado na capital, La Paz, sitiada por protestos sociais que entram pela quarta semana, o presidente da Bolívia, Rodrigo Paz, anunciou ontem que reduzirá o próprio salário pela metade. O direitista Paz, 48 anos, tomou posse há seis meses e colocou em marcha uma agenda econômica de austeridade, em nome da qual foi eleito para interromper duas décadas de governos de esquerda. Desde o início do mês, protestos eclodiram no interior do país, em áreas de influência do ex-presidente Evo Morales — primeiro presidente de origem indígena. Manifestantes bloquearam estradas e marcharam pela capital, onde ontem voltaram a entrar em confronto com as forças de segurança. “O que queremos? Que renuncie! Quando? Agora!”, gritava a multidão, que detonou fogos de artifício enquanto seguia para a cidade vizinha de El Alto. O presidente renovou ontem o chamado ao diálogo com os organizadores dos protestos, como a Central Operária Boliviana (COB), mas descartou conversar com radicais que usem a violência. “Uma minoria não pode governar, uma minoria não pode abusar de nós, e faremos cumprir claramente a Constituição”, advertiu.

(AFP) Natalia Rojas, 23 anos, estudante de design em Bogotá e beneficiária de um programa de educação subsidiada. “Esta eleição está muito marcada pela luta de classes”, disse à AFP o cientista político Álvaro Forero. “Acredito que é o que está funcionando com Petro. Aí está toda a sua munição eleitoral.”

Apelidado de “El Tigre”, Abelardo de la Espriella, 47 anos, costuma desfilhar usando ostensivamente um

colete à prova de balas. Faz um discurso centrado na violência — inclusive política — e disputa com Paloma Valencia, 50, os votos de rejeição a Petro e de apoio à linha dura no enfrentamento ao narcotráfico e aos remanescentes das guerrilhas de esquerda. Ao tomar posse, há quatro anos, Petro remanejou a cúpula das forças de segurança e anunciou uma política de “paz total”. Abriu negociações com os grupos

armados irregulares, mas chega ao fim dos quatro anos de mandato sem resultados conclusivos.

“O ano de 2025 foi muito ruim”, resume Juanita Goebertus, diretora para as Américas da organização de defesa dos direitos humanos Human Rights Watch. “O sequestro aumentou mais de 110% em comparação com o ano anterior, e chegamos ao número mais alto de deslocamentos (forçado de população) em quase 20 anos.” Ela alerta que a situação é “extremamente grave” para os candidatos, ameaçados após o assassinato, no ano passado, do pretendente de direita Miguel Uribe.

O próximo presidente terá de fazer frente a um déficit fiscal de quase 7% do PIB e a uma dívida pública que passa de 64% do Produto Interno Bruto. Petro recebeu uma economia fragilizada, arrecadando menos impostos que o esperado e levou os cofres públicos ao limite para financiar políticas sociais. “O que está em jogo é continuar com as bandeiras de mudança ou rechaçá-las”, analisa Álvaro Forero. “Mas a oposição se equivocou ao oferecer basicamente um ‘Fora Petro!’, que não é uma visão de futuro, mas de passado.”